



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS

Redes de comunicação e ações sociais:

O Observatório Antropológico no enfrentamento dos efeitos da pandemia de Covid-19
junto às populações tradicionais e de periferias urbanas na Paraíba

IZADORA DE SOUZA VIEIRA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Melo Santos

JOÃO PESSOA

2021

IZADORA DE SOUZA VIEIRA

Redes de comunicação e ações sociais:

O Observatório Antropológico no enfrentamento dos efeitos da pandemia de Covid-19
junto às populações tradicionais e de periferias urbanas na Paraíba

Monografia apresentada a licenciatura em Ciências Sociais no
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de
licenciada em Ciências Sociais.

Área de concentração: Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Melo Santos

JOÃO PESSOA

2021

V658r Vieira, Izadora de Souza.

Redes de comunicação e ações sociais: o observatório antropológico no enfrentamento dos efeitos da pandemia de Covid-19 junto às populações tradicionais e de periferias urbanas na Paraíba / Izadora de Souza Vieira. - João Pessoa, 2021.

47 f. : il.

Orientação: Rita de Cássia Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Ações sociais. 2. Populações tradicionais. 3. Pandemia. I. Santos, Rita de Cássia. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 316:39

Dedico este trabalho a minha família, ao meu companheiro André e todes aqueles que fizeram parte dessa construção. Esse trabalho é nosso.

AGRADECIMENTOS

Gonzaguinha na sua música *Caminhos do coração (Pessoa = Pessoas)*, escreve: “Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas, e é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá...” e assim como ele, sou uma pessoa que acredita que tudo que a gente faz, a gente faz junto, dividindo as alegrias e angústias. Dessa forma, eu não poderia deixar de agradecer a todes aqueles que fizeram e fazem parte da minha vida - em especial, da minha trajetória acadêmica e escrita do TCC.

Gostaria de agradecer aos meus professores e professoras, do ensino básico ao ensino superior. A dedicação ao ensino, o acolhimento, ensinamentos e todas as trocas foram essenciais para a escolha da minha formação acadêmica.

Aos amigos e colegas de curso que sempre me apoiaram e torceram por mim. Estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e tristeza. Em casa e nos bares. Nas salas de aula e nas bibliotecas. Na praia e nas festas. Sou o que sou hoje pelo amor e carinho compartilhados.

A minha família por todo apoio nesta longa trajetória e pela confiança depositada. A tia Gil, Gabriel, João Vitor e Júlia agradeço por todos os momentos de risadas, jogos, conversas e parceria nos momentos difíceis. Em especial, a minha irmã Nívea que é minha parceira eterna de vida. Obrigada por ser minha inspiração de vida, por dividir os momentos mais felizes, mas mais que isso, pelo abraço, carinho e ombro nos momentos de maior angústia.

Ao meu companheiro André, que tem tornado meus dias mais leves com sua companhia. Obrigada pelo carinho, pelo zelo e por todo esse amor que a gente tem construído dia a dia. Como dizia Djavan “Eu tenho pra mim que você veio pra ser o sol”.

A minha orientadora, que fez parte integralmente dessa história. Rita me fez não desistir da graduação e me incentivou durante os quatro anos de colaboração nos projetos de extensão, trabalhos apresentados, disciplinas pagas, reuniões regadas a risadas, bolo com café e muita discussão. Obrigada por toda a parceria, paciência e puxões de orelha. Sem você, nada disso seria possível.

A todes aqueles que direta ou indiretamente fizeram deste trabalho creditável. Sigamos na luta pela justiça e dignidade dos povos.

*gente é pra brilhar
não pra morrer de fome*

(Gente - Caetano Veloso)

SIGLAS E ABREVIACÕES

ASA - Ação Social Arquidiocesana

AUF - Agence universitaire de la Francophonie

Catajampa - Associação dos Catadores e Catadoras de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis de João Pessoa

DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena

EMEIEF - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz: uma instituição a serviço da vida

GRUPESSC - Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura

GT - Grupo de Trabalho

MLB - Movimento de Lutas nos Bairros

MLT - Movimento de luta pela terra

MPF - Ministério Público Federal da Paraíba

MPT - Ministério Público do Trabalho na Paraíba

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Unila - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar e documentar as ações sociais e a atuação do projeto de extensão *Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19*, no estado da Paraíba, a partir da minha experiência como extensionista no projeto. Primeiro como voluntária, desde abril de 2020; e, depois como bolsista, desde maio de 2021. As atividades do Observatório Antropológico foram encerradas em Agosto de 2021, segui atuando na finalização dos projetos até Dezembro de 2021. A partir das relações estabelecidas entre pesquisa, ensino e extensão, especialmente no campo da Antropologia, o principal propósito foi mapear, formular e executar ações sociais, junto das populações atendidas, na tentativa de diminuir os efeitos decorrentes da pandemia de Covid-19. Desse modo, durante o período analisado, entre Abril de 2020 e Dezembro de 2021, foram efetuadas e finalizadas ações emergenciais, atividades de transição pandêmica, produção de materiais de comunicação divulgados por meio de redes sociais e o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, por parte dos/as pesquisadores/as, colaboradores/as e estudantes de pós-graduação. A metodologia do trabalho consistiu em verificar os registros documentais públicos do projeto, dentre eles: relatórios do projeto de extensão e demais projetos de pesquisa e extensão que fizeram parte da sua construção, postagens e dados das redes sociais e o relato de vivência da autora, enquanto extensionista do projeto. Dessa maneira, com base nos estudos da Antropologia da ação, se compreende que a atuação dos/as pesquisadores/as do campo das Ciências Sociais é realizável desde uma postura dialógica, atenta e reconhecendo a diversidade das comunidades etnicamente diferenciadas.

Palavras-chave: Ações Sociais. Populações tradicionais. Antropologia. Pandemia. Paraíba.

ABSTRACT

This work aims to analyze and document the social actions and the performance of the extension project Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19, in the state of Paraíba, based on my experience as an extensionist in the project. First as a volunteer, from April 2020; and then as a scholarship holder, from May 2021. The activities of the Anthropological Observatory ended in August 2021, and I continued to work on completing the projects until December 2021.. Based on the established relations of research, teaching and extension, especially in the field of Anthropology, the main purpose was to map, formulate and carry out social actions, with the populations served, in an attempt to lessen the effects of the Covid-19 pandemic. Thus, during the period analyzed, between April 2020 and September 2021, emergency actions were carried out and finalized, such as: emergency actions; pandemic transition activities; production of communication materials disseminated through social networks; and the development of academic papers by the researchers, collaborators and graduate students. The work methodology consisted in verifying the project's public documentary records, including: extension project reports and other research and extension projects that were part of its construction, posts and social networks data and the author's experience report, while project extensionist. In this way, based on the studies of the Anthropology of Action, it is understood that the work of researchers in the field of Social Sciences is feasible from a dialogical stance, attentive to and recognizing the diversity of ethnically differentiated communities.

Keywords: Social actions. Traditional populations. Anthropology. Pandemic. Paraíba.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - ORGANIZANDO AÇÕES FRENTE À PANDEMIA DE COVID-19 ...	18
CAPÍTULO II - RESPOSTAS À CRISE EMERGENCIAL	21
CAPÍTULO III - AS REDES DE COMUNICAÇÃO E SEUS ALCANCES	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXO	49

Introdução

A escolha pelo tema e objeto de pesquisa para esse trabalho de conclusão de curso se deu pela minha trajetória como extensionista na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desde 2017. Durante a minha graduação, integrei quatro projetos¹ que utilizavam a antropologia como principal área de estudo, com forte relação com as populações indígenas, memória e fortalecimento dos direitos a partir da conexão entre o passado e o presente. Todos os projetos que integrei buscaram romper com o processo de discriminação dos indígenas, sua exclusão da historiografia oficial e com discursos homogêneos e cristalizados acerca desses povos. A importância dos projetos em minha formação foram determinantes para a escolha dos caminhos até aqui traçados, ampliando a minha atuação.

Dessa maneira, a minha participação no Observatório Antropológico, como voluntária a partir de abril de 2020 e como bolsista de extensão a partir de maio de 2021, em especial na área da comunicação, me possibilitou desenvolver habilidades na área das mídias digitais, no amadurecimento dos escritos acadêmicos, na apresentação do trabalho sobre o projeto em congresso e outras atividades acadêmicas, e por fim, compreender a importância da ciência, extensão e a universidade como um todo, na atuação e desenvolvimento de ações na luta contra as desigualdades.

O Observatório Antropológico faz parte da teia de projetos de extensão executados a partir dos estudos antropológicos, que tinham como público alvo, as comunidades tradicionais e periféricas, objetivando o fortalecimento da garantia de direitos e a representatividade positiva dessas populações. Diante da pandemia de Covid-19, as desigualdades se acirraram em todos os países, cidades e bairros. Medidas sanitárias extremas precisaram ser tomadas com o intuito de diminuir a transmissão do vírus e consequentemente, dos casos e óbitos. Lamentavelmente, a postura por parte do governo

¹ Foram eles: *História e Cultura Indígenas: diálogos entre a pesquisa universitária e a comunidade escolar* (2017-2018); *Trajetórias indígenas como caminho para educação das relações étnico-raciais na Paraíba* (2018-2020) e *“Museu é coisa de índio”: Subsídios para formulação do Centro Cultural Potiguara, Rio Tinto/PB* (2018-2020).

executivo foi contrária às indicações da Organização Mundial de Saúde (OMS). O comportamento negacionista, alimentado por discursos violentos, falsos e debochados foram uma parte de um plano que consistia em atrasos na compra de vacinas, de equipamentos para os hospitais e no descaso do planejamento e execução de políticas públicas voltadas para as populações em situação de vulnerabilidade social, que sofreram maior impacto com a inação do Estado.

Nesse sentido, o Observatório Antropológico, vinculando extensão, ensino e pesquisa, objetivou formular e executar, junto aos interlocutores, ações sociais como reação aos desafios enfrentados com a pandemia de Covid-19. Reunindo estudantes, docentes, pesquisadores e colaboradores de diversos cursos, segmentos e universidades, foi possível desenvolver soluções na área das Ciências Sociais. Além das ações sociais e as divulgações feitas nas redes sociais, como parte da extensão, artigos científicos e projetos como os informes epidemiológicos, podcast, relatos de vivência, notícias e reportagens, foram resultados da pesquisa científica.

As frentes construídas da comunicação, divulgação científica, mapeamento das populações, formulação e execução das ações tinham como propósito diminuir o impacto da pandemia, fortalecer os direitos dos povos etnicamente diferenciados, fomentar a percepção positiva da sociedade em geral em relação a esses indivíduos, estimulando também, o combate à estigmatização e a desigualdade social.

O presente trabalho se divide em três capítulos. O primeiro, analisa os efeitos da pandemia de Covid-19 e as desigualdades. E, diante desse cenário, como o Observatório Antropológico atuou numa reação à situação. A iniciativa se formou a partir de experiências prévias de professores e estudantes, na intenção de constituir novos espaços de atuação, entendendo que os campos dos estudantes também foram afetados. No segundo capítulo, apresenta-se os projetos emergenciais e os projetos de transição, somados aos trabalhos realizados pelos estudantes, inseridos no campo da pesquisa acadêmica. Por fim, o terceiro capítulo dialoga sobre as atividades realizadas nas redes sociais do projeto e os engajamentos obtidos.

A metodologia do trabalho consistiu na busca e análise dos registros públicos acerca do projeto, são eles: relatórios destinados às agências de fomento disponibilizados em sites como a plataforma sigaa da UFPB, artigos científicos publicados em periódicos (via sites de revistas acadêmicas e outros), projetos de extensão (registrados e acessados

igualmente através de plataforma sigaa), grupos de pesquisa (registrados em bases do CNPq e outros), banco de dados das redes sociais e sites dos projetos fomentados; e a minha própria vivência enquanto integrante do projeto de extensão - iniciado em abril de 2020 e finalizado no segundo semestre de 2021. Além disso, a revisão das referências bibliográficas voltadas para a área da antropologia social e da ação. Meu foco de análise centrará na parte de comunicação cuja equipe integrei de modo mais contundente. A fim de permitir ao leitor conhecer as outras frentes do projeto, contextualizarei de modo breve as demais realizações. Caso haja interesse em conhecer mais do projeto e suas metodologias próprias de realização em cada uma das frentes desenvolvidas, indico os websites e perfis listados nas referências bibliográficas.

Capítulo I - Organizando ações frente à pandemia de Covid-19

A infeliz notícia anunciada pela OMS (Organização Mundial de Saúde) em março de 2020, a pandemia de Covid-19, trouxe à tona não só uma crise sanitária, mas social. Escolas, igrejas, restaurantes fechados, locais de sociabilidade que mantinham-se abertos porém sem a presença física de ninguém. Pessoas isoladas em suas casas, com uma companhia desagradável: o medo. De acordo com o filósofo Byung-Chul Han (2020), o coronavírus nos isolou e individualizou.

Mais de um ano de pandemia e o dilema de governantes e da sociedade civil ainda é o mesmo: a liberdade individual ou a preservação da vida coletiva? No Brasil, por exemplo, os números mostram que, por parte do governo federal, a resposta segue sendo a liberdade individual e a negação da pandemia. Os discursos negacionistas, debochados e sem escrúpulos do presidente, colocam o Brasil em segundo lugar no ranking mundial de mais mortos pela Covid-19.²

Nesse cenário de crise sanitária, social e econômica, o abismo da desigualdade social se mostrou esmagadora. Se antes, já se colocava a escolha entre a vida e a economia, agora então, evidenciou quem merece viver e quem merece morrer, acirrando-se ainda mais as vulnerabilidades e o estado de morte em que vivemos (MBEMBE, 2011). De acordo com a reportagem lançada pela FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), a pandemia escancarou a situação de vulnerabilidade social e/ou em situações de risco promovida pela ausência de condições de sobrevivência, higiene, moradia e saneamento, além da ausência ou pouca eficácia da promoção de políticas públicas.³

“Para ele, esses grupos incluem desde as prostitutas e outros trabalhadores do sexo até as diaristas e empregadas domésticas e vendedores do comércio informal. Pensar saídas de cuidado e subsistência para essas pessoas é também tirá-las do esquecimento. ‘A gente não pode esquecer essas populações e temos que zelar para que elas tenham a atenção do Estado’, enfatiza o conselheiro de saúde e integrante da Anais.” (Reportagem de Luiz Felipe Stevanim)

² <<https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19>>, acessado em 12 de agosto de 2021.

³ Reportagem lançada no dia 13/05/2020, por Luiz Felipe Stevanim.

<<https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>> , acessado em 13 de agosto de 2021.

No momento em que o Ministério da Saúde recomenda ficar em casa, ao contrário das classes mais favorecidas que conseguem cumprir suas obrigações em casa, com proteção, às classes menos abastadas correm mais riscos de contágio por não haver fiscalização no ambiente de trabalho e muito menos políticas de compensação financeira.

“Estudos da UFMG (Domingues et. al., 2020) apontam que as famílias mais pobres terão suas rendas afetadas em 20% a mais do que famílias brasileiras de outras classes sociais pelos efeitos econômicos da pandemia. Isso significa que ou estes cidadãos desobedecerão às recomendações de isolamento, mantendo-se nas ruas trabalhando e correndo riscos de contágio, a fim de desonerar menos a renda familiar; ou a redução do risco de contágio, ficando em casa, será acompanhada por um aumento significativo de outro risco: o da miséria, em proporção muito maior do que em outras classes.” (PEÇANHA, 2020, p. 3)

Foi a partir dessa mesma preocupação e reconhecimento (de que a pandemia atingia desigualmente às pessoas de diferentes extratos sociais) que o Observatório Antropológico foi proposto. Ele surgiu com o intuito de unir pesquisa científica, extensão e ensino no desenvolvimento de estratégias junto das comunidades tradicionais e periféricas urbanas para prevenção dos efeitos da pandemia de Covid-19 na Paraíba. A identificação de problemáticas distintas, foi-se buscando atuar de forma preventiva, objetivando a tentativa de diminuir os impactos causados por esse estado pandêmico.⁴

O projeto foi realizado num primeiro momento institucionalmente através da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), promovido por professores, pesquisadores/as, estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais e Antropologia e da Pós-Graduação em Antropologia da UFPB (PPGA/UFPB), profissionais e colaboradores de áreas diversas da ciência e da sociedade civil. Esses participantes expandiram seus trabalhos para os diferentes projetos dentro do Observatório, sendo eles organização dos trabalhos coletivos, participação de grupos de atividades, formulação das ações sociais e a divulgação dos conteúdos nas plataformas digitais, buscando não só a propagação das informações, mas o fomento da divulgação científica no Brasil.

⁴ Para mais detalhes: PINHEIRO, Patrícia dos Santos. Etnografia e ação social nas políticas de produção de saberes. NOVOS DEBATES - FÓRUM DE DEBATES EM ANTROPOLOGIA, v. 7, p. 1-13, 2021.

A importância de pensar e trabalhar o tripé da Universidade Federal, sendo ela a pesquisa, extensão e ensino, é poder estimular os/as estudantes acerca dos desafios de tornar relacionado o ensino, às abordagens didáticas, ao campo de pesquisa e às reflexões teóricas, especialmente no contexto da pandemia que requereu novas abordagens metodológicas. Considerando ainda as dificuldades, dúvidas e a complexidade de realizar ações em um contexto inédito inaugurado pelo advento de Covid-19.

A construção dessas ações sociais partiu de uma metodologia de mapeamento, formulação e execução. Os participantes do projeto já envolvidos com as comunidades assistidas por meio das pesquisas científicas, de extensão e ensino, construíram coletivamente, estratégias para conter o impacto da pandemia nas comunidades já acompanhadas.⁵

O primeiro passo para a elaboração dessas estratégias foi, também, o motor inicial do Observatório Antropológico, em abril de 2020. A partir do levantamento feito pelos/as estudantes e docentes do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, estabeleceu-se uma rede de parceiros provenientes de diferentes esferas: poderes públicos municipais, estaduais e federais; associações civis relacionadas às populações atendidas; sindicatos e outras formas de organização social; entre outros, que já vinham executando ações sociais com diversas populações e que somaram nesse trabalho coletivo.

Visando dar institucionalidade ao projeto, foram cadastrados ao longo de 2020 e 2021 diversas ações de extensão e pesquisa nos editais das universidades integrantes do projeto. Ao mesmo tempo se somaram outros projetos de extensão que já estavam em curso e que eram dirigidos pelos professores que foram se associando à iniciativa. No Anexo 1 desse trabalho realizamos uma sistematização dos principais projetos e grupos de pesquisa associados.

Ao longo do período de existência do projeto, houve a publicação de diversos artigos científicos sobre a atuação do Observatório Antropológico, a exemplo do artigo que analisa sua relação com os povos indígenas⁶, elaborado pelas estudantes Luciana da Silva

⁵ Para mais detalhes: PINHEIRO, Patrícia dos Santos; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Observatório Antropológico: Mapeamento o fortalecimento das ações de combate ao Covid-19 na Paraíba (PB), Nordeste do Brasil. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp. 101-111, maio de 2020 - ISSN 1676-8965.

⁶ Disponível em: <https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1095>

Menéndez, Eveline Lúcia Torres e a docente Rita de Cássia Melo Santos; outro artigo elaborado por Patrícia dos Santos Pinheiro, Camilla Iumatti Freitas, Anatil Maux de Souza, Stephanie Sacco e Glauco Fernandes Machado, em que há uma análise sobre mídias digitais e a circulação dos conhecimentos antropológicos pelo podcast⁷ Além disso, um dos exemplos de atuação no projeto foi o trabalho desenvolvido por João Vítor Velame, do PPGA/UFPB, com Egrinalda dos Santos Silva da Associação de Catadores de Materiais Reciclagem Catajampa.⁸ A dimensão desses trabalhos reforçam o propósito de uma antropologia da qual se faz a partir de uma escuta ativa e conjunta e somado a isso, as redes sociais servindo como caminho para a divulgação científica.

Essas ações citadas acima são exemplos de projetos e iniciativas - criadas antes e também a partir do Observatório Antropológico -, que se fizeram suporte nesse processo de construção e execução das demandas das populações assistidas. O primeiro passo fundamental do fluxo de trabalho foi o mapeamento, que buscou definir quais comunidades específicas dialogaríamos e suas respectivas necessidades. A partir de um levantamento organizado coletivamente, criou-se diferentes canais de comunicação de acordo com as especificidades de cada comunidade, sempre que possível privilegiando-se o contato direto.⁹ Dessa forma, foram ouvidas as demandas, ao passo que, os fluxos de trabalho e planejamento ocorriam, refletindo as ações e parcerias necessárias.

⁷ Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175301>>

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CSPqxoXrwNt/>>

⁹ Além do whatsapp e ligações telefônicas, foram utilizados também: Site
<<https://observantropologia.wixsite.com/ufpb>>, Instagram
<<https://www.instagram.com/observantropologia/>>, Youtube
<https://www.youtube.com/channel/UC3zb_6Rjou-RMvYZGfG91Lw> e Twitter
<<https://twitter.com/observaufpb>>.

Capítulo II - Respostas à crise emergencial

Diante do cenário pandêmico, se fez urgente a produção e distribuição de materiais de higiene e proteção. Os projetos do tipo emergenciais tiveram como finalidade suprir as necessidades de alimentação, produtos de higiene e limpeza fornecidos sobretudo através de recursos obtidos com a Agence universitaire de la Francophonie (AUF)¹⁰ e o Ministério Público do Trabalho (MPT)¹¹.

Com os recursos da AUF (Agence universitaire de la Francophonie) e em parceria com o Laboratório de Sanitizantes da UFPB, foi possível a produção de sanitizantes e materiais de higiene (álcool gel, álcool 70, sabão líquido e detergentes). Concomitante à produção de materiais de higiene, foi estabelecido uma rede de costureiras constituída por artesãs e costureiras da Paraíba, pertencentes às comunidades atendidas pelo projeto. Através da Fundação de Apoio Parque Tecnológico (PqTc) se deu a contratação como bolsistas de extensão externas que permitiu a confecção e distribuição de máscaras. Em ambos os casos, o processo de entrega se deu com o apoio das associações dos bairros, movimentos sociais, Unidades básicas de saúde e outros agentes.

Como resultado do financiamento da AUF, mais de 5 mil famílias receberam o kit de prevenção contra covid-19 (composto pelos produtos de higiene expostos no parágrafo acima), além da formação de uma rede com 16 pessoas, das diferentes comunidades trabalhadas - ciganas, quilombolas, indígenas e periféricas urbanas, que conseguiram produzir mais de 3 mil máscaras. Como resultado desse primeiro projeto, tivemos dois caminhos: o primeiro, resultou na distribuição de máscaras para as comunidades atendidas, sendo de extrema importância a diminuição da transmissão do vírus. O segundo, foi uma complementação da renda a partir da venda das máscaras confeccionadas.

¹⁰ Para saber mais sobre a AUF, acesse: <<https://www.auf.org/>>

¹¹ Para saber mais sobre o MPT, acesse: <<https://www.prt13.mpt.mp.br/>>



Imagem 1: Imagem retirada do instagram @observantropologia



Imagem 2: Imagem retirada do instagram @observantropologia

Cabe destacar ainda a movimentação e colaboração dos estudantes de graduação e pós-graduação de Ciências Sociais e Antropologia em todo o processo desenvolvido. Eles foram parte fundamental na produção de materiais imagéticos e textuais para as redes sociais do Observatório, e, finalmente, na entrega desses materiais de forma solidária às

próprias comunidades e também por meio de diferentes associações de bairros e movimentos sociais.



Imagem 4: Imagem retirada do instagram @observantropologia



Imagem 5: Imagem retirada do instagram @observantropologia

Com o financiamento do Ministério Público do Trabalho da Paraíba, foi possível a entrega de kits de cesta básica e higiene para a população Tabajara (320 kits para 115 famílias), população Potiguara (680 kits para 340 famílias) e população Warao (152 kits

para 76 famílias. O projeto desenvolvido com apoio do MPT se deu ao longo de todo ano de 2021.

Dando continuidade nesse segmento de formulação e execução das ações sociais, a parceria construída entre o Observatório Antropológico e a ONG Minha Jampa, através do projeto Povos em Rede, financiado pelo Fundo Casa¹², teve como objetivo o fortalecimento da geração de renda, valorização cultural e as redes de solidariedade formadas pelo Observatório no estado da Paraíba.

Foi através desse projeto que se deu a produção de uma campanha de conteúdo audiovisual que permitiu informar sobre os modos de prevenção e soluções acerca do Covid-19. E, no caso dos indígenas Warao, a realização de um debate sobre a garantia dos direitos de indígenas refugiados no Brasil por meio do podcast Dibubukitane¹³, gravado em português, espanhol e Warao. Ainda no âmbito desse projeto houve a realização de oficinas diversas; a continuidade na ação de aproximação e divulgação da rede de costureiras formada na etapa anterior; e a criação de um website com apresentação e comercialização dos produtos confeccionados pelos artesãos/ãs.



Imagem 6: Imagem retirada do instagram @observantropologia

¹² Para saber mais sobre o Fundo Casa Socioambiental, acesse: <<https://casa.org.br/>>

¹³ “Dibubukitane” em português significa “vamos conversar”? Podcast que teve como resultado a gravação e postagem de 03 episódios, alcançando cerca de 2,5 mil pessoas. <<https://open.spotify.com/show/2oGdCdPkahFhe0I0urAbst>> O podcast Dibubukitane desenvolveu um teaser e mais seis episódios da temporada que permitiu narrar as perspectivas, desafios e vivências do povo indígena Warao.

Somado a execução das ações citadas acima, dá-se continuidade e enfoque no propósito de firmar o fortalecimento do respeito à cultura e aos modos de vida, trajetória das comunidades, o conhecimento sobre a história dos patrimônios materiais e imateriais pertencentes aqueles grupos e o combate ao preconceito, estigmatização e a desigualdade racial, econômica e o social que se acirrou com o coronavírus.

Devido a situação de isolamento e restrição às aglomerações, precisou-se inverter a forma como o contato era feito, já que as populações preferiam o contato direto presencial e a maioria, não dispunham de aparelhos tecnológicos, sendo precário também o acesso a internet, necessitando muitas vezes, o deslocamento às escolas, associações, bibliotecas comunitárias e outros. Destarte, o uso das redes sociais, especialmente, do Whatsapp, foi indispensável para que esse contato fosse feito.

Apesar disso, vivenciamos ainda a dificuldade da presença de vários integrantes do projeto em atividades como a entrega de cestas básicas nas comunidades e o cancelamento de debates e feiras livres que só poderiam ser realizados presencialmente. Entretanto, com o início da vacinação no começo do ano de 2021, foi possível retomar aos poucos e com todos os cuidados sanitários, as oficinas com parte das populações integrantes do projeto.

Em Mituaçu, a compra da matéria prima para as artesãs resultou em belíssimas peças com a intenção de gerar renda para elas e para o próprio comércio local. Em parceria com integrantes do projeto de extensão “Histórias de Quilombo” e a participação de estudantes da UFPB que são bordadeiras e artesãs, foi possível fortalecer a ação por meio da produção artesanal de bolsas, gerando maior visibilidade para a ação que ganhou o nome “Fuxiqueiras do Bem”. Também pela impossibilidade de realizar oficinas, optou-se pela estratégia de desenvolver três vídeos com as artesãs sobre as formas de fazer bordado, costura e fuxico, permitindo que outras costureiras da comunidade aprendessem novas técnicas a partir das vídeo aulas. Importante destacar também o lançamento dos cordéis de Ivânia Gusmão, moradora de Mituaçu, que além do convite para eventos na própria comunidade, ela ainda tem conseguido divulgar em suas redes sociais.¹⁴

¹⁴ Para maiores informações sobre o projeto consultar o instagram (@observantropologia): e o website do Povos em rede, segmento Mituaçu. Disponível em: <<https://povosemrede.org>>



Imagem 7: Imagem retirada do site Povos em Rede.



Imagem 8: Imagem retirada do site Povos em Rede.

Na São Rafael, foram onze encontros com dezessete jovens do Instituto Voz Popular que teve como objetivo a valorização local da comunidade a partir da percepção do espaço, planejamento, escolha de tema, fotografia, seleção das fotos e por fim, a edição das mesmas.¹⁵ Esses foram alguns dos resultados produzidos pelos jovens:

¹⁵ Uma das atividades propostas foi a criação de uma cartografia que pudesse registrar a visão que os jovens tinham sobre os patrimônios que geram sentimento de identificação com a comunidade. A cartografia nomeada “Cartografia São Rafael e Padre Hilton” está disponível no site Povos em Rede: <https://padlet.com/niveavieira/comunidade_sao_rafael_jp_pb>



Imagem 9: Jogo de quebra-cabeça. Imagem retirada do site Povos em Rede.

Outras estratégias pensadas foram a de geração de renda e autonomia no consumo, já que, a dificuldade de se trabalhar ou até conseguir emprego no meio da pandemia aumentou. Em paralelo a isso, o cenário dessas populações trabalhadas já era de uma situação de vulnerabilidade social, que se acentuou com o negacionismo do governo federal, a ausência de políticas públicas, necessidades básicas de higiene sanitária, alimentação e cuidados necessários no enfrentamento da situação pandêmica.

Ao longo do projeto, diversas ações foram planejadas com o objetivo de fortalecer a geração de renda desses indivíduos. No caso dos Warao, a problemática em se comercializar os produtos tradicionais em face a divergência das expectativas do público consumidor, foi promovida uma coleção de produtos, construção de uma logo e a criação de uma conta no instagram que gerasse visibilidade, alcance e um maior número de clientes. Ao longo de 2021 foram realizadas oficinas periódicas nas quais houve a experimentação de novos materiais e o planejamento de novos objetos. Esses processos e objetos foram detalhados no website e no instagram do projeto.¹⁶

Para todos os segmentos, o site *Povos em rede* foi criado como um canal que conduzisse os visitantes e clientes para as próprias redes sociais dos coletivos e artesãos/ãs, fortalecendo assim, a autonomia das vendas. Na plataforma, há a apresentação das

¹⁶ Disponível em: <https://povosemrede.org/>

comunidades, material textual e imagético do processo dos trabalhos, as imagens dos produtos e o contato que direciona para o instagram ou outro tipo de contato.

Pensando a dimensão da educação dos indígenas Warao e da população Quilombola de Coremas, junto com o apoio do Instituto Phi - Philantropologia Inteligente¹⁷, proporcionou a execução do projeto que buscava desenvolver protocolos de alfabetização adequadas às populações, a formação de educadores/as para a diversidade e respeito às diferenças culturais, a construção de representações positivas acerca desses grupos, a elaboração de um material didático com enfoque nos direitos e história das populações indígenas e quilombolas dentre outras ações. Os materiais didáticos estarão disponíveis na página do Observatório Antropológico.

Em síntese, podemos dizer que o processo de criação de uma resposta emergencial se dividiu em mapear as comunidades possíveis, suas demandas e formas de execução; a produção de conteúdo, que implica desenvolver diversas ações que articulam pesquisa, extensão e ensino que desaguam na divulgação que tem por finalidade, estreitar as relações entre a universidade e sociedade por meio da divulgação científica, além de comunicar as ações executadas, proporcionando um maior alcance e aproximação entre as comunidades atendidas e a sociedade em geral.

¹⁷ Para saber mais, acesse: <<https://institutophi.org.br/>>

Capítulo III - As redes de comunicação e seus alcances

Neste capítulo iremos apresentar os conteúdos produzidos e divulgados nas redes sociais do Observatório Antropológico e uma análise do seu alcance virtual. O objetivo dessa apresentação e análise é o de apresentar os caminhos traçados para alcance de um público não necessariamente acadêmico com informações verificadas e checadas. Em paralelo a isso, a importância de visibilizar os movimentos sociais, as lideranças das comunidades, seus trabalhos, lutas e necessidades face ao cenário caótico e agravante da pandemia de Covid-19. Nesse sentido, entendo as plataformas virtuais como um meio para amplificar as demandas das populações envolvidas, bem como de divulgar os resultados das pesquisas desenvolvidas (JUNIOR, 2020).

Inserida nessa dimensão, pude observar como a troca e diálogo entre os próprios integrantes do projeto e dos integrantes das comunidades durante a produção das imagens e textos eram fundamentais para um resultado final que demonstrasse a realidade e vivência dessas populações. O sentido de coletivo existiu desde a montagem de um cronograma de assuntos até o final, que é a divulgação nas redes sociais. Durante o meu processo como integrante no projeto, pude transitar entre os fluxos de trabalho e colaborar em vários campos, como por exemplo: transcrição de áudios e tradução para os episódios da série Dibubukitane; auxiliar na escrita de editais e relatórios para as agências de fomento; a organização de reuniões e a escrita das atas; organização de diversos documentos burocráticos; manutenção do website, Instagram e Facebook; colaborei na organização e transmissão de lives do Observatório e tantas outras atividades direcionadas a comunicação.

Em consonância com a articulação da pesquisa, extensão e ensino, o processo de mapeamento, produção de conteúdo e divulgação foi organizado e elaborado na tentativa de potencializar e fortalecer os diversos agentes envolvidos no projeto. Sendo eles, estudantes universitários no trabalho da produção científica, no desenvolvimento de habilidades de escrita, gráfica e comunicação, na vivência de uma nova trajetória que foi feita entre muitos, gerando um sentimento de acolhimento e apoio mútuo em meio às angústias da pandemia. Os sujeitos das comunidades que puderam divulgar suas necessidades e seus trabalhos, na busca por um número maior de pessoas que pudessem colaborar. A sociedade em geral - lê-se aqui, as pessoas que puderam acessar os perfis do

projeto -, e que puderam encontrar materiais textuais e imagéticos com uma linguagem mais acessível, criativa e também cientificamente verificada.

Nesse sentido, de acordo com o autor Ennio Candotti, a divulgação científica é uma reflexão sobre os impactos sociais e culturais das novas experiências científicas, sendo portanto, de grande relevância já que estimula a discussão entre os especialistas sobre o processo de produção e a legitimação desse conhecimento. No caso da pandemia no Brasil, é emergencial a divulgação cada vez mais generalizada da gravidade da transmissão do vírus e as formas de cuidado no combate a grandes aglomerações, criação de políticas públicas e a luta diária contra o discurso negacionista por parte do presidente da república e seus aliados.

A partir do mapeamento realizado por integrantes do projeto e projetos parceiros, buscou-se priorizar as comunidades que já faziam parte das pesquisas dos estudantes de pós-graduação da UFPB somando-se as novas comunidades que seriam atendidas. Após esse levantamento, foi preciso organizar os dados - como nomes, contatos das lideranças, demandas detalhadas referentes ao espaço e quais as ajudas necessárias - e dividir os fluxos de trabalho. Diante disso, diferentes populações tradicionais e da periferia urbana de João Pessoa integraram-se às atividades.

A configuração principal das redes considerou o site como repositório das notícias, reflexões e afins na íntegra.¹⁸ E utilizou as plataformas do instagram¹⁹ e facebook²⁰ como canais que potencializassem as divulgações e levassem os usuários ao site. É importante destacar que outros tipos de postagem eram produzidos especificamente para o instagram e facebook, dado os diferentes mecanismos das plataformas. Um desses exemplos, foi os casos das postagens de iniciativa solidária²¹, informações em relação à saúde e apoio às campanhas criadas na intenção de diminuir os impactos intensificados com a pandemia.

¹⁸ Disponível em: <https://www.observantropologia.com/>

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/observantropologia/>

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/observantropologia/>

²¹ O projeto nomeado “Hora da Solidariedade”, contava com postagens diárias de campanhas solidárias das mais diversas com o intuito de fortalecer os movimentos de arrecadação já existentes. Priorizando sempre o ideal de diminuir o impacto da pandemia aos grupos em maior vulnerabilidade social.



Imagem 10: Imagem retirada do instagram do projeto.

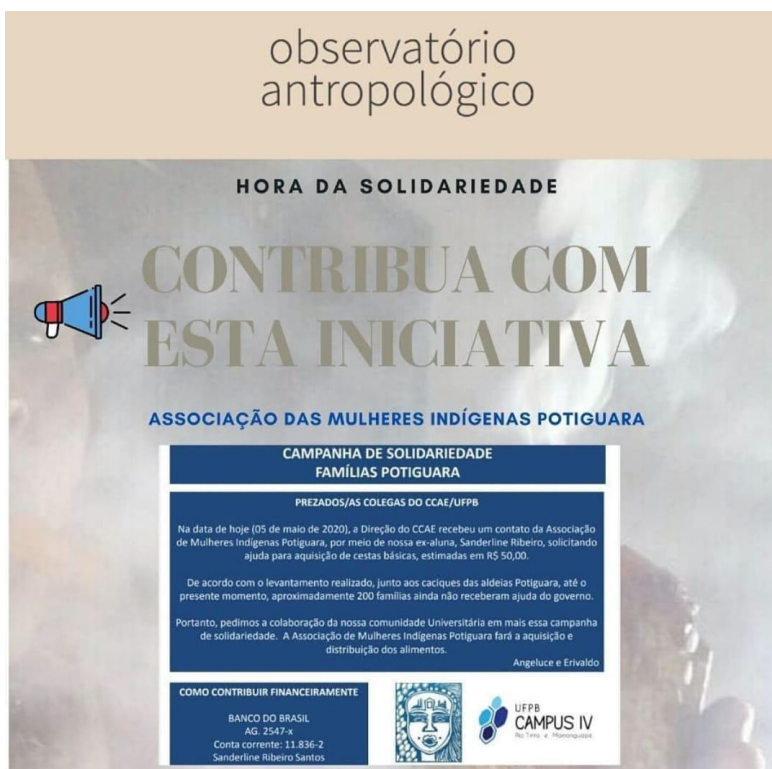


Imagem 11: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 12: Imagem retirada do instagram do projeto.

Para ampliar o alcance da divulgação, traçamos várias estratégias. Como a repostagens nos stories, marcação dos integrantes relacionados, inclusão de hashtags de impacto, interação com os usuários, postagens realizadas no horário com maior pico de usuários online e outros. O processo de criação se dava a partir das reuniões semanais com a organização de um cronograma de postagens, constando: qual o assunto, quais os elementos imagéticos constaria no card, a legenda e hastags.

Com o maior número de compartilhamentos, alcançamos cada vez mais pessoas e parcerias que se dispuseram a ajudar. Além disso, foi possível produzir materiais de caráter científico para o site. São eles: informes epidemiológicos, boletins epidemiológicos, notícias, reportagens e relatos de vivência. Somado a isso, o Podcast²², lives e outras produções²³, foram resultados de materiais audiovisuais realizados por integrantes e parceiros do Observatório.

Informes epidemiológicos

²² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6oYXFBdc9YK7oBzssutaRo>

²³ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC3zb_6Rjou-RMvYZGfG91Lw



Imagem 13: Imagem retirada do instagram do projeto.

Os informes epidemiológicos iniciaram dia 29 de abril de 2020, com o objetivo de apresentar os dados de casos e óbitos e informações sobre a pandemia de Covid-19 na Paraíba. O conjunto de publicações se encontram na íntegra no website, com postagens de divulgação no instagram e no facebook. Infelizmente, os dados que o site disponibiliza sobre alcance e visão de tráfego geral não são precisos quando se trata da análise de publicações específicas, porém, pelo instagram, pode-se visualizar que os textos “Afetados - o impacto da pandemia nos relacionamentos”, “Mães em pandemia: a dor à flor [cor] da pele” e “Vacina, tem mas tá em falta” foram os que tiveram mais repercussão, com o alcance acima de 500 pessoas. A hipótese sobre o alcance desses textos seria o da sobrecarga das mães na pandemia, com as escolas e/ou creches fechadas e precisando cuidar das crianças (na maioria dos casos) na solitude, dada às medidas de isolamento e distanciamento social. A dimensão do debate sobre a vacina se torna crescente com o agravamento dos casos e óbitos não só no Brasil, mas no mundo. No caso do Brasil, com o descaso na compra de vacinas e a ausência de medidas sanitárias responsáveis, a população se vê desamparada entregue as garras do negacionismo. Os debates propostos pelos diversos integrantes do Observatório, dado os alcances das postagens, parecem se alinhar também aos anseios do público receptor.

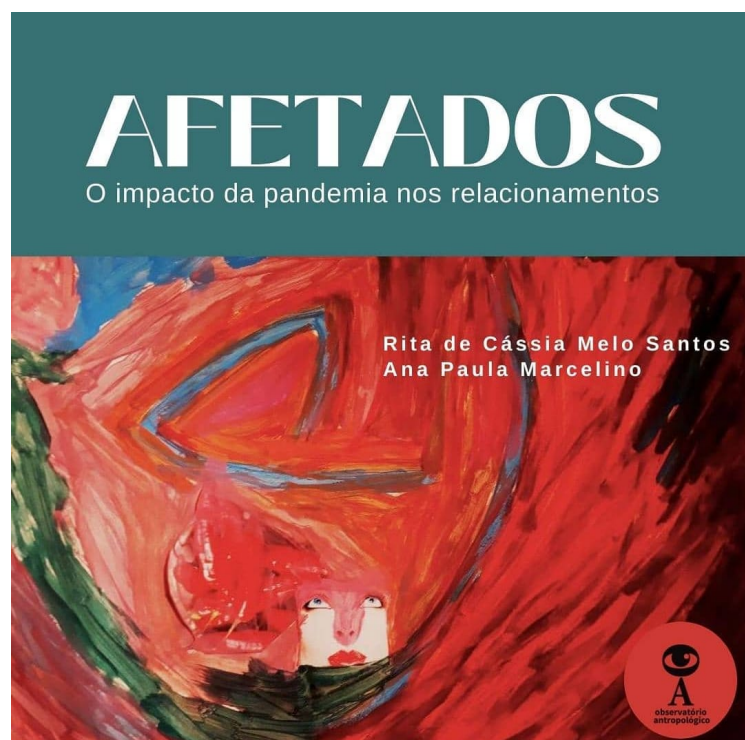


Imagem 14: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 15: Imagem retirada do instagram do projeto.

VACINA, TEM MAS TÁ EM FALTA

Heloisa Wanick e
Patrícia Pinheiro

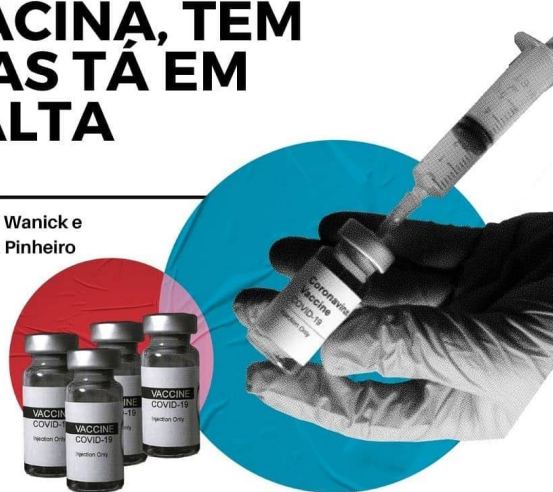


Imagem 16: Imagem retirada do instagram do projeto.

Os temas mais abordados nos textos construídos pelos integrantes do projeto foram os relacionados à saúde mental, questões de gênero, maternidade, educação e vacinação. A partir dos números disponibilizados pela plataforma do instagram sobre os critérios de faixa etária e gênero é que, 39,4% são homens e mulheres com idade entre 25-34 anos e do número total de seguidores, 62% são mulheres e 37% são homens. Dessa forma, baseado principalmente nesses dois critérios, podemos compreender um alcance tão disparado, pois há não só um interesse por esses temas pelas pessoas mais jovens, como também, devido ao recorte de gênero. Essa afirmação se constata no crescente número de seguidores e de engajamentos realizados desde Abril de 2020 até Setembro de 2021 - período de análise do material. Nesse intervalo de tempo, a quantidade de seguidores na página do instagram alcançou o número de 2.875.

Já na plataforma do facebook mantém-se em parte a relação dos textos mais acessados. Nela, os textos “Afetados - o impacto da pandemia nos relacionamentos” e “Mães em pandemia: a dor à flor [cor] da pele” e “Use máscaras, tire o...” ocupam as posições mais alcançadas. O alcance das publicações e feedbacks sempre positivos do público se deve também pelo método da divulgação que toma como referente uma linguagem mais direta, transmitindo cada vez mais informações confiáveis e científicas.

Produzidos por estudantes e docentes em diferentes estágios de formação, os informes constituíram um espaço importante de diálogo e troca na construção de textos informativos e acessíveis entre gerações. Os/as autores/as dos informes epidemiológicos foram Ana Paula Marcelino Silva, Bruna Carvalho, Ednalva Neves, Heloísa Wanick, Izadora Vieira, Luana Genoud, Marlise Rosa, Mônica Franch, Patrícia Pinheiro, Phelippe Caldas e Rita de Cássia Melo Santos.

Boletins epidemiológicos



Imagem 17: Imagem retirada do instagram do projeto.

Outra ação pensada e executada com o propósito de acompanhar e divulgar os casos de Covid-19 entre a população indígena residente na Paraíba, foram os boletins epidemiológicos - totalizando 11 boletins de Maio a Agosto de 2020. O GT Indígena liderado por Estevão Palitot, sistematizaram os dados disponibilizados pelas Prefeituras municipais, DSEI, Funai e das próprias lideranças indígenas. A cada 10 dias em média, era publicado um boletim acerca do contágio entre os povos indígenas Potiguara, localizados no litoral norte, nas cidades de Rio Tinto e Mamanguape; Tabajara, localizados no litoral Sul, nas cidades do Conde e municípios da grande João Pessoa, a exemplo de Bayeux; e, Warao, indígenas refugiados da Venezuela, residentes na cidade de João Pessoa.

Em detrimento da invisibilização da etnia nas notificações oficiais de Covid-19, se fez necessário o trabalho de organização e divulgação dos dados, por dois principais

motivos: primeiro, por serem produzidos por equipes compostas diretamente pelas populações monitoradas. Segundo, com a divulgação desses elementos, a sociedade em geral estaria acompanhando a situação, resultando em um maior compartilhamento não só dos boletins, mas das iniciativas solidárias voltadas a essas populações. Em paralelo, foram contabilizados também no “Informativo Potiguara: covid-19” os casos confirmados, óbitos e curados de cada aldeia Potiguara. As fontes são dos boletins municipais e Sesai.

Notícias e reportagens



Imagem 18: Imagem retirada do instagram do projeto.

As notícias e reportagens seguiram o ideal de trazer à tona as problemáticas que surgiram com a pandemia. Os temas sobre necropolítica, ativismo pelo uso medicinal da cannabis, saúde mental, ações de educação com indígenas Warao e quilombolas na Paraíba foram algumas das publicações realizadas por Christina Gladys Nogueira, Clordana Aquino, Heloísa Warnick, Núbia Guedes, Patrícia Santos, Phelippe Caldas e Rita de Cássia Melo Santos.

Em 20 de novembro de 2020, no dia da consciência negra, foi lançado o projeto “Paraíba Quilombola”, liderado por Patrícia Pinheiro, com a finalidade de aproximar um pouco a trajetória e vivência dos quilombos existentes na Paraíba, sendo elas: Comunidade

Grilo, Fonseca, Paratibe, 40 Negros, Caiana dos Crioulos, Coremas, Matão e Mituaçu. Do sertão ao litoral, diversas memórias, histórias de luta e resistência foram narradas e compartilhadas para toda a sociedade. Além de fortalecer esses sujeitos, cria-se um caminho de representação positiva e histórica dos povos que resistem no estado paraibano. Dentro dessa categoria, as publicações sobre a população quilombola e sertaneja/nordestina - no caso da publicação sobre o São João - foram as que tiveram maior alcance, compartilhamento e interação, tanto no instagram quanto no facebook.



Imagem 19: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 20: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 21: Imagem retirada do instagram do projeto.

O processo de composição das imagens se dava no diálogo entre: a pessoa que iria desenhar - no caso do Observatório, Aina Azevedo, João Vítor Velame, Sthevson Lourran, Patrícia Pinheiro entre outros, foram as pessoas que fizeram parte desse desenvolvimento - e os integrantes do projeto. Os elementos pertencentes às comunidades eram inseridos no desenho, sendo possível e suficiente, compreender a mensagem transmitida ao interlocutor. A imagem acima, por exemplo, foi desenhada por João Vítor e Sthevson para uma postagem sobre o São João. Para diversas comunidades da Paraíba, esses (e outros) elementos são cheios de sentidos e significados no tocante a história, tradição e afeto. A partir da produção do desenho, as imagens eram enviadas para a pessoa responsável pela produção do card, que em reunião com os integrantes, discutiam a melhor composição possível. Esse fluxo de composição das imagens foi estabelecido e utilizado em diferentes composições, inclusive para construção do Website e das diferentes logos que compuseram o repertório do projeto.

Relatos de vivência

Os relatos de vivência foram produções realizadas por docentes e estudantes de pós-graduação a partir dos sujeitos de pesquisa, utilizando métodos etnográficos, qualitativos e bibliográficos. Quando trazidos para o projeto, houve a preocupação do uso de recursos imagéticos e uma escrita inclusiva. A maior parte dos/das docentes que fizeram parte do projeto são da área de Antropologia da Saúde e desenvolvem trabalhos que envolvem saúde mental, gerações, questões de gênero, anemia falciforme, entre outros.



Imagem 22: Imagem retirada do instagram do projeto.

O fazer antropológico possibilitou um olhar sensível e atento aos detalhes e problemáticas trazidas pelo interlocutor. O projeto iniciou em 4 de junho de 2020 e concluiu em fevereiro de 2021 com 18 publicações. Autores/as desses relatos, são eles/as: Ana Paula Marcelino, Artur Pereira Costa, Bruna Carvalho, Christina Gladys Nogueira, Drielly Duarte, Edilza Detmering, Ednalva Maciel Neves, Elaine Müller, Franciely Duarte, Geissy Reis, Heytor Marques, Ieda Moura, João Vítor Velame, Layza Bandeira, Márcia Longhi, Mônica Franch, Mônica Velaça, Thayonara Santos e Uliana Gomes da Silva. Das contas mais alcançadas e compartilhadas, tanto no instagram, quanto no facebook, são: “O dia a dia de famílias com crianças autistas”, “Narrativas e vivências: ser catador (a) em tempos da pandemia de Covid-19” e “‘Eu, como atenção básica, eu sou o SUS na região’ foram as mais acessadas.



Imagem 23: Imagem retirada do instagram do projeto.



NARRATIVAS E VIVÊNCIAS: SER CATADOR(A) EM TEMPOS DA PANDEMIA COVID-19

PARTE I: Entrevista com Egrinaldo dos Santos Silva da Associação de Catadores de Materiais Reciclagem CATAJAMPA



Imagem 24: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 25: Imagem retirada do instagram do projeto.

Podcast - Observantropologia

O podcast foi idealizado com o objetivo de discutir problemáticas atuais com o viés da antropologia utilizando de uma linguagem mais acessível para alcançar um maior público, especialmente, aquelas pessoas externas à academia. Os debates eram gravados, editados e publicados por Anatil Maux, Camilla Iumatti Freitas, Glauco Machado, Patrícia Pinheiro, Stephanie Sacco, Thiago Oliveira, contando também, com o apoio do Laboratório Arandu e outros colaboradores conforme a programação dos episódios.

Os episódios contavam com a presença de diversos pesquisadores/as que contribuíam a partir das suas próprias pesquisas acadêmicas, ou seja, compartilhavam com os/as ouvintes de todo o Brasil. Em seu primeiro ciclo de atividades, o podcast criou dois programas: o “Antropologia à conta-gotas” e o “Pílulas antropológicas”, ambos estimulando o diálogo sobre as experiências em campo, as pesquisas desenvolvidas e os desafios enfrentados durante a pandemia. No segundo semestre de 2021, com o podcast @Observantropologia converteu-se no @Antropotretas e seguiu produzindo conteúdos próprios e novas linhas de atuação.

Além disso, ainda no segundo ano de atividades, foi estabelecida a série “Dibubukitane” que recebeu investimento do Fundo Casa, onde buscou debater o acesso e

a garantia de direitos dos indígenas refugiados Warao, com episódios em warao, espanhol e português, depois sendo destinado a um canal próprio²⁴. Sendo uma discussão recente e pouco apresentada ao público em geral, um dos objetivos foi de aproximar a trajetória desse povo e a sociedade em geral, totalizando 7 episódios com mais de 2,5 mil acessos.



Imagem 26: Imagem retirada do instagram do projeto.



Imagem 27: Imagem retirada do instagram do projeto.

²⁴ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2oGdCdPkahFhe0I0urAbst>>

Considerações finais

A partir de uma antropologia crítica e da ação que parte do pressuposto da escuta e do diálogo, ou seja, compreendendo as problemáticas que giram em torno das populações, é possível construir propostas realizáveis. Em seu texto “Ação indigenista, eticidade e diálogo interétnico”, Roberto Cardoso de Oliveira (2000), infere que só é possível implementar o diálogo e dar continuidade às ações desejadas quando se assume o diálogo interétnico, já que, o reconhecimento da relevância dessas comunidades - principalmente por parte do Estado - permite a execução de pautas que garantam os direitos e a vida desses sujeitos. Nesse sentido, acredito que essa exposição possa se expandir para todas as comunidades e interlocutores presentes na trajetória do projeto de extensão.

Dentro dessa dimensão, o método antropológico como forma de atuação reflete na forma como se conduziu os trabalhos. O entendimento, reconhecimento, escuta e formulação das ações, oficinas e demais trabalhos partem da percepção do lugar do/a antropólogo/a em relação aos sujeitos das comunidades. A postura enquanto pesquisador/a deve ser aquela que tenta desbravar cada vez mais as possibilidades, não ignorando a importância dos fatores culturais, étnicos e emocionais na formulação de políticas públicas (OLIVEIRA, 2009).

O intento em descrever, analisar os relatórios, dados e documentos públicos acerca do projeto de extensão do Observatório Antropológico é o de refletir como se deu em parte minha atuação e integração enquanto estudante-pesquisadora em formação num projeto de extensão. Para isso, busquei da melhor forma possível contextualizar as atividades e esforços igualmente empreendidos por parte de docentes, estudantes de graduação e pós-graduação, colabores, líderes de movimentos e associações civis, fundações de apoio e principalmente, das comunidades atendidas, que também integraram a ação.

Cabe recuperar ainda que toda a existência do projeto se deu em meio a um grave contexto pandêmico. As afetações diárias, inquietações e a necessidade de buscar, formular e executar ações que diminuíssem o impacto agravante da pandemia de Covid-19 - nos diversos aspectos da condição humana -, aos grupos em situação de vulnerabilidade ou até mesmo as pessoas próximas, se concretizou na criação e realização do projeto que muito me ensinou e contribuiu para minha formação acadêmica nesse longo período que o integrei.

Referências

Byung-Chul Han. “La emergencia viral y el mundo de mañana”, El País, 22 de março de 2020.

CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. In: MASSARANI, L. et al. (Org.) Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

JUNIOR, Antonio Otaviano Vieira. O direito de fala e de memória na epidemia. 30º boletim da série “Ciências Sociais e o coronavírus”, Anpocs. 2020. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n30.pdf.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MOURA, Rafael Peçanha. O Coronavírus e a denúncia das desigualdades contemporâneas a partir de um risco de alta-consequência. OSIRIS - Observatório de risco.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Pluralizando tradições etnográficas: Sobre um certo mal-estar na Antropologia. Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 1, nº 1, p.2-27. Jan./Jun., 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Ação Indigenista, etnicidade e o diálogo interétnico. Estudos Avançados, 14 (40), 1-20. 2000.

PINHEIRO, PATRÍCIA DOS SANTOS. Etnografia e ação social nas políticas de produção de saberes. NOVOS DEBATES - FÓRUM DE DEBATES EM ANTROPOLOGIA, v. 7, p. 1-13, 2021.

PINHEIRO, P. dos S.; FREITAS, C. I.; SOUZA, A. M. de; SACCO, S.; MACHADO, G. F. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 29, n. 2, 2020.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Observatório Antropológico: Mapeamento o fortalecimento das ações de combate ao Covid-19 na Paraíba (PB), Nordeste do Brasil. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp. 101-111, maio de 2020 - ISSN 1676-8965.

SANTOS, Rita de Cássia Melo Santos.; MENÉNDEZ, Luciana da Silva.; TORRES, Eveline Lúcia Torres. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. Boletim Eletrônico Da Sociedade Brasileira De História Da Ciência, v. 25, p. 1-10. 2020.

VOMMARO, Pablo. O mundo em tempos de pandemia: certezas, dilemas e perspectivas. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro, vol. 12, n.2, 2021, p. 1095-1115.

Sites e redes sociais do Observatório Antropológico

Site: Observatório Antropológico - Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19. Link: <https://www.observantropologia.com/>

Site: Povos em rede Link: <http://povosemrede.org/>

Facebook: Observatório Antropológico.

Link: <https://www.facebook.com/observantropologia/>

Instagram: @Observantropologia. Link: <https://www.instagram.com/observantropologia/>

Podcast Antropotretas: <https://open.spotify.com/show/6oYXFBdc9YK7oBzssutaRo>

Podcast Dibubukitane: <https://open.spotify.com/show/2oGdCdPkahFhe0I0urAbst>

**ANEXO I - PROJETOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO
OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO - 2020/2021**

ATIVIDADES	PERÍODO	INTEGRANTES DO OBSERVATÓRIO
Instituto Phi	Janeiro de 2021 a Março de 2021	Aline Paixão, Eveline Lúcia, Patrícia Pinheiro, Rita Santos e Valclécia Soares. Comunidades Quilombola de Coremas, PB; e Warao da cidade de João Pessoa, PB.
Ministério Público do Trabalho	Agosto de 2020 a Dezembro de 2021	Aline Paixão, Bruna Carvalho, Christina Gladys, Eveline Lúcia, Izadora Vieira, Luciana Menéndez, Patrícia Pinheiro e Rita Santos. Comunidades indígenas Potiguara, Tabajara e Warao.
AUF	Outubro de 2021 a Fevereiro de 2021	Aline Paixão, Bruna Carvalho, Christina Gladys, Edilma Nascimento, Evanielly Velozo, Eveline Lúcia, Izadora Vieira, Luciana Menéndez, Marina Prado, Patrícia Pinheiro, Rita Santos, Valclecia Soares, Williane Pontes, entre tantos outros. Comunidades indígenas Potiguara e Warao, Ciganas de Souza, Quilombolas de Mituaçu e Coremas, e de periferias urbanas da cidade de João Pessoa.
Fundo Casa	Outubro de 2020 a Outubro de 2021	Aline Paixão, Edilma Nascimento, Evanielly Velozo, Eveline Lúcia, Izadora Vieira, Luciana Menéndez, Marina Prado, Nívea Vieira, Patrícia Pinheiro, Priscila Rabelo, Rodrigo Marinho, Rita Santos e Valclécia Soares. Comunidades quilombola de Mituaçu, PB; São Rafael e Warao, de João Pessoa, PB.
Grupo de Comunicação	Abril de 2020 a Agosto de 2021	Aline Paixão, Ana Caroline Costa, Ana Paula Marcelino, Ana Rozendo, Anna Beatriz Ramos, Geissy Reis, Isabelle Soares, Izadora Vieira, João Paulo Isnard, João Vítor Velame, Nívea Vieira, Patrícia Pinheiro, Rita Santos, Riviane Enedino, Roberta Nascimento, Sthevson Lourran e Wertton Luís.
Grupo de Projetos	Abril de 2020 a Agosto de 2021	Aline Paixão, Bruna Carvalho, Christina Gladys, Evanielly Velozo, Izadora Vieira,

		Luciana Menéndez, Marina Prado, Patrícia Pinheiro, Rita Santos e Williane Pontes.
Grupo do Podcast - Observantropologia	Abril de 2020 a Agosto de 2021	Anatil Maux, Camilla Iumatti Freitas, Glauco Machado, Patrícia Pinheiro, Stephanie Sacco e Thiago Oliveira.
Projeto de extensão: Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19 (UFPB)	2020-2021	Aina Azevedo, Aline Paixão, Ana Caroline Costa, Ana Margarida Santos, Ana Paula Marcelino, Ana Rozendo, Anatil Maux, Anna Beatriz Ramos, Bruna Carvalho, Camilla Iumatti, Christina Gladys, Edilma Nascimento, Evanielly Sheyla, Estevão Palitot, Eveline Lúcia, Fernanda Sattva, Gabriela Novaes, Geissy Reis, Glauco Machado, Heloísa Wanick, Isabelle Soares, Izadora Vieira, João Vítor Velame, Jota Isnard, Kelly Emanuely, Layza Bandeira, Leonardo Pinheiro, Luiza Flores, Luciana Menéndez, Marcia Longhi, Marcos Carvalho, Maria Elena Martinez, Marina Prado, Mônica Franch, Mônica Vilaça, Nadja Silva, Nívea Vieira, Patrícia Pinheiro, Phelipe Caldas, Priscila Rabelo, Rita Santos, Riviane Enedino, Roberta Nascimento, Rodrigo Oliveira, Stephanie Sacco, Thayonara Santos, Thiago Oliveira, Uliana Gomes, Wertton Luís, Weverson Bezerra e Williane Pontes.
Projeto de extensão: Observatório Antropológico: Ação social e comunicação com povos tradicionais e periferias urbanas (Unila)	2021	Aline Paixão, Ana Paula Marcelino Silva, Camilla Iumatti Freitas, João Vítor Velame, Joselaine Silva, Juan Pablo Beltran, Leonardo Pinheiro, Mariah Santos, Patrícia Pinheiro, Stephanie Sacco e Vanessa Correa.
Projeto de pesquisa: Observatório Antropológico: Impactos do Covid-19 em populações tradicionais a partir de uma perspectiva interdisciplinar (UFPB)	2021	Aina Azevedo, Aline Paixão, Ana Caroline Costa, Ana Margarida Santos, Ana Paula Marcelino, Ana Rozendo, Anatil Maux, Anna Beatriz Ramos, Bruna Carvalho, Camilla Iumatti, Christina Gladys, Edilma Nascimento, Evanielly Sheyla, Estevão Palitot, Eveline Lúcia, Fernanda Sattva, Gabriela Novaes, Geissy Reis, Glauco Machado, Heloísa Wanick, Isabelle Soares, Izadora Vieira, João Vítor Velame, Jota Isnard, Kelly Emanuely, Layza Bandeira,

		Leonardo Pinheiro, Luiza Flores, Luciana Menéndez, Marcia Longhi, Marcos Carvalho, Maria Elena Martinez, Marina Prado, Mónica Franch, Mônica Vilaça, Nadja Silva, Nívea Vieira, Patrícia Pinheiro, Phelipe Caldas, Priscila Rabelo, Rita Santos, Riviane Enedino, Roberta Nascimento, Rodrigo Oliveira, Stephanie Sacco, Thayonara Santos, Thiago Oliveira, Uliana Gomes, Wertton Luís, Weverson Bezerra e Williane Pontes.
--	--	--

ANEXO II - PROJETOS DE EXTENSÃO/PESQUISA/GRUPOS DE PESQUISA ASSOCIADOS NA FORMAÇÃO DO OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO

PROJETOS DE EXTENSÃO/PESQUISA/GRUPOS DE PESQUISA ASSOCIADOS NA FORMAÇÃO DO OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO	INTEGRANTES DOS PROJETOS DE EXTENSÃO/PESQUISA/GRUPOS DE PESQUISA
GRUPESSC - Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura	Ana Paula Marcelino, Bruna Carvalho, Ednalva Neves, Geissy Reis, Heloísa Warnick, Luciana Menéndez, Marcia Longhi e Mônica Franch.
LAPA - Laboratório de Antropologia, Política e Comunicação	Aldo Silva Mendonça, Amandda Yvne Figueiredo da Cruz, Carlos Guilherme Octaviano do Valle, Estevão Martins Palitot, Kelly Emanuely de Oliveira, Manoel Miranda Diniz e Rita de Cássia Maria Neves.
Projeto de extensão: História e Cultura Indígenas: diálogos entre a pesquisa universitária e a comunidade escolar	Eveline Lúcia, Izadora Vieira, João Pacheco de Oliveira, Raquel Alves, Rita Santos e Valclécia Bezerra.
Projeto de extensão: Trajetórias indígenas como caminho para educação das relações étnico-raciais na Paraíba	Eveline Lúcia, Glauco Machado, Izadora Vieira, João Pacheco de Oliveira, Raquel Alves, Rita Santos, e Valclécia Bezerra.
Projeto de extensão: “Museu é coisa de índio”: Subsídios para formulação do Centro Cultural Potiguara, Rio Tinto/PB	Eveline Lúcia, Izadora Vieira, João Pacheco de Oliveira, Rita Santos e Valclécia Bezerra.
Projeto de extensão: Histórias de Quilombo: registros audiovisuais com comunidades quilombolas no Litoral Sul da Paraíba	Aline Paixão, Maria Patrícia Goldfarb, Natalia Freire e Patrícia Pinheiro.
Projeto de extensão: Histórias de Quilombo: memórias e identidade coletiva na produção audiovisual da comunidade quilombola de Mituaçu, Conde, Paraíba	Aina Guimarães, Aline Paixão, Andrea Nascimento, Edicleia Melo, Eduard Alves, Elayne Cristina, Jose Kaio Freitas, Luciana Chianca, Marcos Carvalho, Maria Patrícia Goldfarb, Marinilze Ferreira, Patrícia Pinheiro e Thayonara Marina Santos.
Projeto de extensão: Histórias de quilombo: grafias, afetos e artesanato na comunidade quilombola de Mituaçu, PB	Aina Guimarães, Aline Paixão, Luciana Chianca, Beatriz Ramos, Elayne Cristina, Marina Santos, Patrícia Pinheiro e Thayonara Marina Santos.
Projeto de extensão: Histórias de quilombo:	Aina Guimarães, Aline Paixão, Gabriela

“Quem conta um conto, aumenta um ponto” - programa de rádio das Fuxiqueiras do Bem da comunidade quilombola de Mituaçu (Conde, PB)	Novaes, Juliana Torquato e Patrícia Pinheiro.
---	--